

MEIO AMBIENTE

INFESTAÇÃO DE MOSCA-BRANCA EM TANGARÁ E REGIÃO TRANSFORMA ROTINA URBANA EM DESAFIO

DIONES KRINSKI /
ESTÁGIO DE JORNALISMO

Nas últimas semanas, Tangará da Serra e municípios vizinhos têm convivido com um incômodo crescente: a infestação de moscas-brancas dentro da cidade. Embora historicamente associada às lavouras, a praga ganhou o espaço urbano e passou a impactar diretamente o cotidiano da população, sobretudo de motociclistas, ciclistas e pedestres. Quem circula pela cidade relata nuvens densas de insetos, principalmente ao amanhecer e no entardecer. Para o biólogo e motociclista William Cardoso Nunes, a situação compromete a segurança

no trânsito. “Quando saímos de moto com a viseira aberta, entra muito inseto no olho, no nariz, na boca. Tem atrapalhado bastante andar por Tangará da Serra”, afirma. O estudante de Agronomia e também motociclista, Matheus da Costa

“
ESSAS MOSCAS FAZEM PARTE DO NOSSO COTIDIANO, RESULTADO DE DESEQUILÍBRIOS AMBIENTAIS E CLIMÁTICOS

Antônio destaca outro problema: a perda rápida de visibilidade. “Elas batem na viseira e formam uma camada gordurosa. Tentar limpar só espalha mais”, relata. Segundo ele, o desconforto aumenta em dias quentes, quando o uso da viseira aberta se torna quase impossível. Em Nova Olímpia, a infestação também chama atenção. O estudante de Biologia Anael José Cardoso de Souza conta que até atividades simples, como caminhar ou pedalar, se tornaram difíceis. Do ponto de vista científico, a professora do curso de Ciências Biológicas, Dra. Alessandra Regina Butnariu, da UNEMAT/Tangará da Serra, explica que a mosca-branca



MOSCAS-BRANCAS TEM SIDO MAIS PERCEBIDAS NO INÍCIO DA MANHÃ E NO FIM DA TARDE

está entre as dez pragas de maior risco fitossanitário do mundo. Apesar do nome, não pertence ao grupo das moscas, mas aos percevejos. Polífaga, alimenta-se de mais de 500 espécies de plantas, o que facilita sua adaptação ao ambiente urbano. Entre as causas do surto estão o aumento das temperaturas, associado às mudanças climáticas, e o uso intensivo de inseticidas nas lavouras, que seleciona populações re-

sistentes. “Esses insetos transitam facilmente entre áreas agrícolas, jardins, praças e até dentro das casas”, explica a pesquisadora. Para pequenos espaços, como quintais e plantas domésticas, a especialista orienta com soluções simples: uma receita de água, vinagre e algumas gotas de detergente em um borrifador podem ajudar no controle, sem impactos ambientais para a população.



FOTO: DIVULGAÇÃO

DESAFIOS

Pragas e insetos vetores exigem manejo antecipado para proteger produtividade

AGRO.MT

A presença de pragas, especialmente aquelas que atuam como insetos vetores, representa um dos principais desafios da cotonicultura brasileira. Muitas vezes silenciosos, esses problemas podem comprometer a fisiologia da planta, a qualidade da fibra e até a competitividade do algodão nacional no mercado internacional. Segundo Rodrigo Burci, gerente de marketing de cultivo para algodão da BASE, os danos começam ainda nas fases iniciais da lavoura e se intensificam quando o manejo não é feito no momento correto. Ele explica que as pragas se dividem basicamente em dois grandes grupos, cada um com impactos distintos sobre a cultura. As pragas mastigadoras,

como as lagartas, atuam diretamente sobre as folhas, reduzindo a capacidade da planta de realizar fotossíntese e acumular energia. Já entre as pragas sugadoras, o alerta é ainda maior. Pulgões, mosca-branca e o bicudo estão entre os insetos que mais preocupam o setor. “O próprio bicudo, que é a principal praga hoje que causa mais danos e limita até em alguns locais a produção do algodão”, diz.

“
MOSCA-BRANCA LIBERA UMA SUBSTÂNCIA MAIS ADERENTE, QUE PERMANECE NA FIBRA

Além da perda direta de produtividade, os sugadores trazem um problema adicional: a pegajosidade da fibra, conhecida no campo como “algodão doce”. Esse efeito ocorre quando os insetos expelem açúcares ao se alimentarem da planta. No caso do pulgão, o açúcar é mais facilmente removido pela chuva. Já a mosca-branca libera uma substância mais aderente, que permanece na fibra. O reflexo vai além da lavoura e chega à indústria têxtil, dentro e fora do país. Conforme o especialista, isso pode afetar a imagem do algodão brasileiro e até estimular a substituição da fibra natural por materiais sintéticos. Diante desse cenário, o manejo antecipado é apontado como a principal estratégia para reduzir danos.